

PRODUÇÃO TÊXTIL E DE VESTUÁRIO NO MÉDIO VALE DO ITAJAÍ (SC) PERANTE OS DESAFIOS DA COVID-19*

TEXTILE AND CLOTHING PRODUCTION IN THE MEDIUM ITAJAÍ VALLEY (SC) IN FACE OF THE CHALLENGES IMPOSED BY COVID-19

Hoyêdo Nunes Lins**

Patricia Loch Kleinubing***

Resumo: A pandemia da Covid-19 forçou governos a adotar medidas rigorosas para conter o vírus, como interrupções duradouras de atividades. Em sistema de produção globalizada que evoca uma engrenagem com peças articuladas, essas medidas tiveram importantes consequências na economia mundial, afetando diversos setores em diferentes lugares. Este estudo focaliza os efeitos dessa conjuntura em atividades de produção têxtil e de vestuário no Médio Vale do Itajaí (MVI), incluindo a maneira como empresas reagiram às adversidades. Pesquisa bibliográfica e documental e, principalmente, pesquisa direta por meio de entrevistas embasaram o trabalho. A pesquisa direta logrou levantar dados e informações junto a sete empresas associadas ao Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Blumenau (SINTEX), embora o questionário eletrônico fosse disponibilizado para todas. O trabalho mostra que atividades têxteis e vestuaristas locais foram bastante atingidas, impondo dificuldades em termos de comercialização e de importação de insumos e matérias-primas, em linha com o observado em diferentes experiências no Brasil e no exterior. As reações das empresas abrangeram mudanças nos seus processos de comercialização, com avanço na digitalização e nas relações com clientes, e tentativas de redesenhar linhas de suprimentos, explorando possibilidades nacionais e estrangeiras quanto a fornecedores e novos produtos. Uma escassa “projeção” regional nesses termos foi informada, embora o MVI abrigue um importante e histórico *cluster* têxtil-vestuarista. Também rarefeitas foram as interações locais indicadas, quer interempresariais ou entre empresas e instituições, sobre tentativas para encaminhar o enfrentamento dos problemas criados ou agravados pela pandemia.

Palavras-chave: Covid-19; Médio Vale do Itajaí; Atividades têxteis e do vestuário.

Abstract: Tough measures such as lasting interruptions of activities were imposed in many countries to contain the spread of the Covid-19 pandemic. In a globalized and articulated production system, these measures had important consequences internationally, affecting different sectors in countless places. This study looks at such effects on activities of textile and clothing production in the Medium Itajaí Valley (MIV), including the way companies reacted to the adversities. Bibliographical and documentary research, and mainly direct research through interviews, supported the work. The direct survey resulted in data and information from seven companies belonging to the Syndicate of the Spinning, Weaving and Clothing Industries of Blumenau (SINTEX), although the used electronic questionnaire was made available to all firms. The study shows that local textile and clothing activities were heavily affected, meaning adversities in terms of marketing and of imports of inputs and raw materials, in line with other experiences in Brazil and abroad. The companies' reactions included changes in their sales procedures, with advances in digitalization and in customer relations, and attempts to redesign supply lines, exploring national and foreign possibilities in terms of suppliers and new products. A very limited regional “projection” in these terms was reported, in spite of the workings of an important and historic textile-clothing cluster in the region. Also sparse were the interactions informed, both between companies and between companies and institutions, concerning attempts to address the problems created or aggravated by the pandemic.

Keywords: Covid-19; Medium Itajaí Valley; Textile and clothing activities.

Classificação JEL: D22; L67; R11

*Submissão: 23/05/2023 | Aprovação: 23/10/2023 | Publicação: 24/02/2024 | DOI: [10.54805/RCE.2527-1180.v7i1.142](https://doi.org/10.54805/RCE.2527-1180.v7i1.142)

**Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | E-mail: hnlines55@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7438-2951>

***Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | E-mail: patricialk0601@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0783-8610>

1 Introdução

No ano de 2020 generalizou-se a percepção de que se adentrava conjuntura muito adversa em termos socioeconômicos, pois uma pandemia de sentido histórico passou a determinar condutas mundo afora: o flagelo da Covid-19. Praticamente não houve setores produtivos poupados, na medida em que as tentativas para conter o avanço do correspondente vírus impuseram medidas que derrubaram as atividades e estrangularam fluxos em grande escala.

Vários trabalhos se ocuparam – se ocupam – dessa desafiadora conjuntura, tendo as pesquisas sugerido que as consequências não foram homogêneas, assim como as reações às adversidades. Muitos estudos focalizam setores específicos e indagam sobre a situação das cadeias globais de valor (CGV) que lhes estruturam as atividades. Por se tratar de forma de organização produtiva e comercial cujo funcionamento embute amplas e intensas relações no plano internacional, o impacto que a pandemia causa nas CGV tende a ser forte.

Sobressaem nessas cadeias as atividades de produção e comércio de artigos têxteis e do vestuário, razão pela qual várias pesquisas sobre os reflexos da Covid-19 dirigiram a atenção a tais setores. Santa Catarina exhibe realce nacional nessas atividades, que têm peso na estrutura industrial do estado notadamente em geração de emprego (FIESC, 2021a). E a “Santa Catarina têxtil-vestuarista” tem no Vale do Itajaí – mormente na porção média deste – o principal bastião das suas práticas, não sendo exagero considerar que a história dessas atividades em solo catarinense e a história do Médio Vale do Itajaí (MVI) mostram-se entrelaçadas. O município de Blumenau constitui o seu centro de gravidade, quer se olhe para a trajetória, quer se observe o período mais recente e mesmo a atualidade. Daí o foco deste estudo, que indaga sobre como atividades têxteis e vestuaristas do MVI foram afetadas na conjuntura da Covid-19.

Representou estímulo à pesquisa o fato dessas atividades participarem de relações internacionais. Isso ocorre principalmente pelas importações de matérias-primas, insumos e maquinário, já que as exportações tendem a ser modestas. De fato, prevalece no têxtil-vestuário catarinense um quadro de limitada internacionalização, considerando-se as vendas externas, como sublinham Seabra e Amal (2010) entre outros. De todo modo, ao longo da década de 1990, algumas das principais empresas desses setores em tal região – Hering, Tekka, Marisol, Karsten, Buettner – registraram um não negligenciável aumento na participação de exportações em suas vendas totais.

Uma questão central nos trabalhos sobre as consequências da Covid-19 se desdobra entre a forma e a intensidade dos efeitos nos setores e as respostas protagonizadas em nível empresarial, um assunto inserido no problema mais amplo das estratégias corporativas adotadas em face de grandes adversidades (cf. Gereffi, Lim e Lee, 2021). Esse duplo interesse está presente neste estudo, cuja base é, principalmente, pesquisa de campo com aplicação de questionários em empresas do MVI. Permeou a iniciativa a intuição, nutrida pela literatura, de que a pandemia, com seus impactos, provocou reconfigurações em atividades industriais e nos fluxos e processos a elas vinculados, por conta de ações estratégicas adotadas em face dos problemas vivenciados.

Embora parte importante da pesquisa sobre esse tipo de assunto privilegie as CGV, aqui se focalizam atividades têxteis e vestuaristas do MVI independentemente da sua participação em tais estruturas. Como essas empresas comercializam sobretudo internamente, a maioria de suas interações internacionais limitar-se-ia à importações de matérias-primas e insumos, além de bens de capital.

Isso não quer dizer inexistência de situações ao estilo do que se observa em CGV. Por exemplo, no começo dos anos 1990, a Cia. Hering firmou contrato para fornecer camisetas para a EuroDisney, situada nos arredores de Paris. O fornecimento implicava produção em fábrica de Badajoz (Espanha), mas também camisetas originadas no Brasil eram enviadas, para complementar (EMPRESA, 1996). De todo modo, a internacionalização dessa empresa, em formato que evoca o “modelo CGV”, mostrou-se mais ampla e complexa do que o sugerido somente por essa experiência (GEHRKE; LINS; BORBA, 2017).

Seja como for, o caso da Hering é específico, e mesmo que outras grandes empresas da região possam ter experimentado situações semelhantes, seria arriscado postular que as atividades têxteis e vestuaristas do MVI participam efetivamente de CGV. Portanto, se o debate sobre como as CGV acusaram o golpe da pandemia representou inspiração para este estudo, a proposta da pesquisa foi tão somente auscultar, por assim dizer, as referidas atividades, em investigação sobre como empresas foram afetadas e reagiram às adversidades. Que empresas catarinenses tenham sido afetadas e respondido, informações em documentos da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), por exemplo, indicam ser fato, aparecendo em destaque o problema da escassez de insumos e matérias-primas notadamente estrangeiros (FIESC, 2021b).

Os procedimentos do estudo incluíram, além de pesquisa bibliográfica e documental, também levantamento direto de dados e informações em empresas. O instrumento que se utilizou foi um questionário, previamente testado para permitir aprimoramentos, disponibilizado eletronicamente de outubro a dezembro de 2021 para 55 associados do Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário de Blumenau (SINTEX), sob a concordância da respectiva diretoria.

Assinale-se que, apesar dos reiterados estímulo e insistência junto aos associados, somente em sete empresas se preencheu o questionário. Assim, o que se conseguiu foi um painel de empresas, o que somente autoriza falar, com respeito ao

empreendimento da investigação, em estudo de casos. Juntas, essas sete experiências iluminam, de alguma maneira, o modo como atividades têxteis e do vestuário do MVI foram afetadas pela pandemia e reagiram às adversidades.

O artigo tem cinco partes, incluindo esta introdução e as considerações finais. Na próxima seção, o foco principal é a (breve) caracterização do MVI como um cluster têxtil-vestuarista. Depois explora-se o que a pesquisa direta informou sobre comércio externo, destacando o abastecimento em insumos e matérias-primas. Na sequência, abordam-se os reflexos nas próprias estruturas das empresas respondentes do questionário, apontando o que foi mais atingido, e examina-se o problema das interações no seio do tecido econômico e institucional local, isto é, no meio em que as atividades encontram-se inseridas.

2 Médio Vale do Itajaí (MVI): nota sobre um *cluster* industrial

Devido à sua importância regional e também nacional, a produção têxtil-vestuarista do MVI tem motivado muitos estudos, com enfoques diversos. Por exemplo, em Lombardi (2001), a problemática da reestruturação produtiva, em resposta às dificuldades dos anos 1990, foi o centro da abordagem, em sintonia com pesquisas que procuravam decifrar os reflexos das mudanças econômicas ocorridas no Brasil no final do século XX.

O mesmo cabe assinalar sobre Theis e Garcia (2007), que igualmente salientaram, em conexão com a mencionada reestruturação, aspectos do desenvolvimento regional olhados sob os imperativos da globalização. Foco na problemática regional aparece também em Sohn (2015), que estudou os canais de transmissão de conhecimentos naquele conjunto de atividades têxteis e vestuaristas, estabelecendo relações à guisa de comparação – ou procurando perceber possibilidades neste sentido – com ambientes europeus na Itália e na Península Ibérica.

Estudos desse tipo são ilustrações de esforços destinados a robustecer e continuamente atualizar a observação sobre realidade produtivo-espacial que, pelo menos desde os anos 1960, frequentou publicações até de circulação nacional. O artigo de Mamigonian (1965) sobre a história e a perfil do MVI (a área de Blumenau, especificamente), em meados do século passado, constitui um destacado exemplo. E também as pesquisas de Seyferth (1974) e Hering (1987) perfilam-se no rol das contribuições importantes de décadas atrás, em meio a outras oriundas até de fora do meio propriamente acadêmico.

Chama a atenção, pelo que destaca e por mobilizar noções úteis ao estudo aqui realizado, um tipo de abordagem sobre a área que se inspira nos debates sobre *clusters* industriais, cuja literatura, de crescente visibilidade internacional desde a década de 1980, é vasta e diversificada. Bastaria dizer, para o que mais interessa a esta pesquisa, que esse debate foi cevado pela observação de experiências europeias, e que nele têm destaque temas ligados à presença de externalidades e de mecanismos formais e informais de aprendizagem, nutrindo processos de inovação. Assinale-se ainda ser costumeiramente ressaltada a problemática das interações envolvendo os integrantes desses *clusters*, tanto entre os que compõem o tecido produtivo, notadamente as empresas, como entre os pertencentes à esfera da produção e os do tecido institucional (LINS, 2000).

Alguns estudos consideram a principal área de produção têxtil-vestuarista de Santa Catarina, correspondente ao MVI, como constituindo um tal *cluster*, conforme ilustrado por Lins (2000; 2001a). Mas as contribuições também realçam que, não obstante a longa trajetória local, perduram importantes limitações principalmente com respeito à incidência de cooperação e de ações coletivas entre produtores. Instituições como o SINTEX e a Associação Comercial e Industrial de Blumenau (ACIB) representam instâncias de promoção de práticas colaborativas, mas parece prevalecer no seio do empresariado um espírito que, em muitos aspectos, mostrar-se-ia crivado de individualismo exacerbado e rivalidade.

Aspecto importante na caracterização de um cluster é a aproximação ou articulação frutífera entre, de um lado, centros de pesquisa, universidades e escolas de formação técnica, e, de outro, as empresas. Experiências internacionais evidenciam que as interações com esse escopo são básicas para a manutenção das atividades locais e principalmente para promovê-las, fortalecendo a competitividade das empresas envolvidas. No MVI, entretanto, parece que tais vínculos padecem de importantes limitações. Para Sohn (2015), por exemplo, esse tipo de relação seria muito rarefeito na área, e quase inexistente em termos colaborativos, pois haveria falta de interesse das instituições e das empresas em “projetar-se” mutuamente, construindo uma vinculação durável.

Cabe igualmente indicar, sobre a questão geral dos *clusters*, que especialmente a partir da grande crise financeira irradiada desde os Estados Unidos em 2008 – afetando a configuração de diferentes CGV, conforme observado em Cattaneo, Gereffi e Staritz (2010), entre outros –, multiplicaram-se os estudos sobre como aqueles aglomerados produtivos e tais cadeias interagem. A lógica do avanço nesse interesse temático é que, entre outros aspectos, os *clusters* exerceriam atração sobre empresas participantes de CGV em processo de reconfiguração. Seria ilustração a busca, pelas empresas líderes dessas cadeias, de capacidades produtivas territorializadas com as quais possam protagonizar vínculos de subcontratação ou terceirização em ambientes que apresentem os atributos procurados.

Pelo ângulo dos *clusters*, o “diálogo” com as cadeias evoca a ideia de possibilidade em *upgrading* industrial. Uma razão é que as interações assim desenvolvidas representariam oportunidades para as firmas locais escalarem trajetórias de aprimoramento, modernização e competitividade. Esse aspecto é destacado sobretudo em pesquisas sobre economias emergentes ou, de um modo geral, situadas fora das áreas econômicas centrais do sistema internacional. O texto de Di Maria, De Marchi e Gereffi (2019), que faz uma boa revisão da literatura interessada nas articulações entre *clusters* e CGV, é útil para cartografar esse

campo de pesquisa, ora em pleno florescimento. Mas as contribuições existentes são mais numerosas, assim como mais diversificadas quanto aos casos estudados, com suas diferentes geografias.

Fica, portanto, a percepção de que os estudos sobre *clusters* podem iluminar aspectos do funcionamento das CGV. Ao mesmo tempo, estudos sobre tais cadeias, ressaltando opções de inscrição espacial das atividades de alguns de seus elos, podem ajudar a compreender dinâmicas locais, em ambientes “chamados” a interagir – historicamente ou por conta de circunstâncias específicas – em escalas globais. Naturalmente, a influência ou o papel de compradores e de fornecedores estrangeiros pertence ao rol de temas de interesse a respeito dessas vinculações, envolvendo redes que atravessam fronteiras (BAIR; GEREFFI, 2001). A crise pandêmica da Covid-19 representa, certamente, uma estimuladora circunstância nesses termos.

De uma maneira geral, a literatura que explora as conexões entre a perspectiva das CGV e aquela dos *clusters* industriais costuma direcionar suas abordagens para realidades produtivo-espaciais em que se verifica vigor exportador. O MVI, com seu *cluster* têxtil-vestuarista, não se caracteriza, como já indicado, por grandes exportações. Voltadas sobretudo para o mercado interno, suas empresas, mesmo as de grande porte, compram muito mais do que vendem no mercado internacional. Suas compras externas envolvem sobretudo insumos e matérias-primas, para processos produtivos cujo destino principal é o mercado brasileiro, embora exportações ocorram. Assinale-se que essa preponderância do mercado doméstico não é prerrogativa, na produção têxtil e de vestuário em território brasileiro, das empresas catarinenses ou do MVI: país de grande população, o Brasil é um importante mercado para essas indústrias.

3 Atividades têxteis e vestuaristas do MVI em face da Covid-19

Inicia-se com o perfil e a localização das empresas que responderam ao questionário. Como informado, o documento foi disponibilizado durante três meses aos associados do SINTEX, mas foi preenchido por somente sete de um total de 55 empresas associadas àquela instituição.

3.1 Perfil das empresas respondentes

As empresas respondentes exibiam portes pequeno, médio e grande, pelo critério do contingente empregado, distribuindo-se entre faixas de empregos diretos que variam de 20 a 100 (três empresas), 101 a 500 (duas empresas) e superior a 1.000 (duas empresas). As atividades que protagonizavam eram de confecção, malharia e beneficiamento, e sua localização envolvia os municípios de Blumenau (quatro empresas), Gaspar (uma empresa) e Pomerode (uma empresa), todas no MVI. Uma empresa de Jaraguá do Sul – município que não pertence ao Médio Vale mas lhe é adjacente, e que figura na área de abrangência do SINTEX – também respondeu ao questionário; decidiu-se, pelo interesse demonstrado, considerá-la no estudo.

Apenas uma empresa não atuava havia mais de 20 anos. Sua existência talvez integre conjunto de ilustrações de um histórico processo de *spillover* nessas indústrias no plano regional: por exemplo, ex-empregados tornaram-se empresários após a saída da ocupação anterior (por demissão ou qualquer outro motivo), instalando-se como fabricantes na condição de donos dos próprios negócios. Também uma só empresa indicou estar em atividade havia mais de 90 anos. Tal longevidade, em geral, tende a ser observada entre empresas importantes da região, fundadas por imigrantes europeus ou por descendentes destes. Suas trajetórias implicam gerações de familiares e, mais recentemente, registram processos de profissionalização da gestão, com incorporação de agentes contratados.

A Tabela 1 caracteriza o conjunto de empresas respondentes, informando sobre a localização, a atividade principal, o tempo de funcionamento e a faixa do contingente diretamente empregado.

Tabela 1: Caracterização das empresas integrantes do painel estudado (2021)

Empresa	Localização	Atividade	Tempo de funcionamento	Empregos diretos
A	Blumenau	Confecção	Mais de 90 anos	Acima de 1000
B	Gaspar	Beneficiamento	21 anos ou mais	20 a 100
C	Pomerode	Confecção	21 anos ou mais	Acima de 1000
D	Blumenau	Malharia	11 a 20 anos	20 a 100
E	Blumenau	Confecção	21 anos ou mais	20 a 100
F	Blumenau	Confecção	21 anos ou mais	101 a 500
G	Jaraguá do Sul	Malharia	21 anos ou mais	101 a 500

Fonte: elaboração própria com base na pesquisa direta.

3.2 Exportações e importações em meio à crise pandêmica

Exploram-se aqui as informações referentes às interações consubstanciadas no comércio externo das empresas, na conjuntura da Covid-19. Começa-se pelas exportações.

3.2.1 Atividades exportadoras das empresas pesquisadas

A pandemia resultou em *lockdown* generalizado, motivando quedas nas vendas em diversos mercados, como se falou. Assim, mesmo que as empresas têxteis e do vestuário do MVI exportem pouco, historicamente – conforme, por exemplo, Seabra e Amal (2010) –, como de resto as empresas brasileiras dessas indústrias (FILLETI; BOLDRIN, 2020), indagar sobre exportações das respondentes mostrou-se pertinente. Diga-se desde logo que o maior peso das vendas domésticas transpareceu inequivocamente nas respostas (Tabela 2).

A maior exportadora, a Empresa C, destinou em 2021 40% de sua produção de moda infantil para países europeus e também para México, Estados Unidos e alguns do Mercosul. A empresa A, que exportou 15% de sua produção para cerca de 30 países – e destinou 40% dessas vendas à América do Sul –, declarou pretender, como meta externa, aumentar o valor agregado dos seus produtos de cama, mesa e banho; seus concorrentes principais, presentes na China, tendiam a competir sobretudo em preço, pois a qualidade apresentada seria inferior (segundo relatado). A empresa F, de sua parte, enviou ao exterior 27% do que comercializou em confecções (moda infantil e juvenil), sendo destinos Uruguai, Peru, Chile, Colômbia, Equador e Estados Unidos.

Tabela 2: Destino das vendas das empresas respondentes – situação em 2021 (%)

Empresa	Mercado externo	Mercado interno
A	15	85
B	0	100
C	40	60
D	0	100
E	0	100
F	27	73
G	0	100

Fonte: elaboração própria com base na pesquisa direta.

Duas empresas (A e F) exportavam por conta de encomendas recebidas. A primeira recebia encomendas desde 1980, e tinha, portanto, vínculos externos duradouros. A segunda recebia encomendas desde 2012, em relação internacional que já durava uma década; essa empresa encaminhava produtos de moda infantil para grandes redes multimarcas. As exportações da empresa C não implicavam encomendas de clientes estrangeiros, o que sugere utilização de meios próprios para vendas no exterior.

As exportações dessas empresas foram afetadas pela pandemia. Isso ocorreu quer pelo cancelamento de pedidos ou pela renegociação dos prazos, principalmente. Rompimento de contrato foi tipo de problema com especial incidência (dificuldade mais destacada pelas empresas A e F). Também a empresa C mencionou o cancelamento de pedidos estrangeiros, mas sublinhou igualmente a solicitação, pelos compradores, de renegociação tanto de valores como de condições de pagamentos, tendo enfrentado ainda problemas de logística que repercutiram nos prazos de entrega.

Portanto, houve no MVI reflexos da crise sanitária com perfil semelhante ao observado em outros ambientes de produção têxtil e de vestuário mundo afora. Países asiáticos, em particular, que exibem importante presença internacional em produção e exportação desses itens (implicando marcas ocidentais, em grande medida ou quase exclusivamente), acusaram grandes adversidades devido à interrupção de suas práticas, conforme, por exemplo, ILO (2020).

À indagação sobre as medidas tomadas para enfrentar as dificuldades de exportação, a empresa A respondeu que, apesar dos problemas vivenciados, encontrava-se lançando novos produtos. A empresa C indicou estar abrindo canais de interação com possíveis novos clientes em outros países, além de oferecer novos produtos e de investir no *e-commerce*. Para a empresa F, a principal medida era a busca de alternativas para encaminhar os seus produtos ao mercado.

Cabem alguns comentários sobre essas ações. Sobre o lançamento de novos produtos, uma prática ágil e frequente sobretudo no setor de vestuário, em termos gerais, certamente subjaz à medida a intenção de explorar possíveis outros mercados durante a pandemia, no exterior e no Brasil, o que aliás foi indicado pela Empresa C. Já o investimento em *e-commerce* passou a marcar crescentemente, sob a Covid-19, diversos setores em vários países na esteira das mudanças digitais na economia. De fato, o *e-commerce* insere-se numa digitalização aprofundada, e o setor têxtil-vestuarista sobressai nessa prática: a tendência atual seria de “reinvenção da loja”, permeada pelos grandes avanços nessa direção (DINIZ, 2021).

A retomada plena da exportação foi apontada pelos respondentes como incerta. Mas, para a empresa C os problemas já haviam sido resolvidos, e para a empresa A a resolução era parcial; a empresa F, contudo, indicou que ainda estava distante da solução, sinalizando um quadro inquietante apto a durar até mesmo além do curto prazo. Merece realce, da mesma forma, que apenas a empresa C – uma grande produtora de moda infantil de Pomerode – tenha mencionado apoio institucional para os problemas de exportação: informou-se que tanto o SINTEX quanto a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT) promoveram trocas de experiências entre as empresas, o que teria reverberado positivamente no contexto

de adversidade.

3.2.2 Atividades importadoras das empresas pesquisadas

Todas as empresas importavam, seja matéria-prima, insumos ou equipamentos. Esse perfil condiz com o histórico das importações das indústrias têxteis e de vestuário de Santa Catarina, de um modo geral: sensíveis ao comportamento da taxa de câmbio, essas importações cresceram fortemente pelo menos desde meados da primeira década do presente século, como mostrado em Cario *et al.* (2013).

China, Paquistão, Bangladesh, Vietnã, Índia, Coreia do Sul, Turquia, Estados Unidos e Chile foram os países mencionados como origens das importações das empresas que preencheram o questionário. Embora nem todas tenham indicado a participação de cada origem no total das respectivas importações, o principal destaque é a China, país que se consolidou nessa condição ao longo do tempo: no começo deste século, sua participação era a menor no grupo das principais origens; em pouco tempo, em saltos, os produtos oriundos da China passaram a figurar cada vez mais como os de maior presença na pauta de compras externas dos setores têxtil e do vestuário de Santa Catarina.

Embora sem detalhamento suficiente em alguns casos, percebe-se que se importavam notadamente acessórios, tintas e produtos químicos, produtos para beneficiamento, algodão, lycra, renda, elásticos, equipamentos, máquinas têxteis e fibras têxteis, quer dizer, itens para consumo produtivo (Quadro 1). Mas também produtos prontos foram indicados por uma empresa (F), uma situação que já caracterizara outras empresas da região logo após a virada para o século XXI (JURGENFELD; LINS, 2010).

Quadro 1: Principais itens importados pelas empresas respondentes (em ordem de importância)

Empresa	Produto	Produto
A	Matéria-prima em geral	-
B	Tintas	Produtos químicos
C	Algodão	Produtos de beneficiamento
D	Lycra	Renda, acessórios
E	Elásticos	Acessórios
F	Produtos prontos	Insumos, equipamentos
G	Maquinas têxteis	Fibra

Fonte: elaboração própria com base na pesquisa direta.

Essas importações mostraram-se convergentes com o quadro mais geral das compras externas desses setores. Fios – artificiais simples, de algodão e de fibras de poliésteres – e artigos diversos de vestuário, como calças e camisas, produzidas com diferentes fibras/tecidos, além de ternos, entre outros, têm destaque historicamente entre os itens importados por Santa Catarina. Os produtos de vestuário são importados, não é demais assinalar, para ampliar e diversificar o leque de oferta das empresas locais. Também maquinário para diferentes atividades do fluxo produtivo tem realce nas compras. Isso sugere interesse numa, por assim dizer, contínua atualização tecnológica do parque fabril, como ocorreu na década de 1990 em contexto de abertura comercial e de política de câmbio, sob o Plano Real, favorável às importações.

Recentemente, os fios de filamentos sintéticos, um importante insumo para a produção têxtil e do vestuário, figuraram entre os cinco tipos de produtos de maior presença na pauta geral de importações de Santa Catarina, no tocante ao comportamento entre meados de 2020 e meados de 2021 (FIESC, 2021c). No primeiro trimestre de 2022, esses fios estavam entre os dez principais produtos importados pelo estado (FIESC, 2022).

Todas as empresas entrevistadas declararam dificuldades para fazer importações durante a pandemia. Como observado internacionalmente, o *lockdown*, acompanhado de agudos problemas nas estruturas de transportes, representou estrangulamentos nos fluxos de fornecimento que afetaram as atividades produtivas escoradas em insumos e matérias-primas oriundos do exterior. No Brasil como um todo acusou-se o golpe dessa, vale a figura de linguagem, trombose nos sistemas globalizados de fornecimento. Os reflexos mais visíveis, ou mais divulgados, ocorreram na indústria automotiva – com a crise dos *chips*, especialmente –, mas diversos setores tiveram dificuldades.

Santa Catarina não se mostrou refratária ao problema, no grande conjunto do setor terciário da economia ou no setor secundário. Neste, as atividades produtivas em diversas indústrias amargaram grande retração, destacando-se, além da fabricação de veículos e de máquinas e equipamentos diversos, entre outros, também os setores têxtil e de vestuário. Ao mesmo tempo, e em articulação com os movimentos na produção, o cenário catarinense foi marcado pela forte retração das importações. Produtos têxteis (fios, tecidos) e confecções, foco da presente pesquisa, sobressaíram no testemunhado declínio (LINS, 2020).

Para as empresas que preencheram o questionário da pesquisa, o atraso nas entregas dos produtos importados foi uma dificuldade generalizada, unanimemente indicada. E quase todas informaram aumento dos valores pagos pelas importações

– na comparação com a tendência histórica –, assim como a necessidade, por conta disso, de renegociar com os fornecedores estrangeiros. As empresas A, B, C, D e F assinalaram esse aspecto.

Outros tipos de problemas também foram apontados nessas interações, envolvendo as linhas de fornecimento ou suprimento desdobradas internacionalmente. Rompimentos de contratos, problemas de logística, dificuldades de comunicação com fornecedores devido à suspensão das atividades (*lockdown*), situações adversas nos portos e mesmo o desabastecimento de diferentes insumos, tornaram-se importantes desafios para essas empresas. De toda maneira, quando as entrevistas foram realizadas (de outubro a dezembro de 2021, reitere-se), várias dessas empresas já haviam resolvido esses problemas, ao menos parcialmente.

Cabe destacar os procedimentos tentados ou adotados pelas empresas para enfrentar essas dificuldades. De acordo com as respostas, as medidas abrangeram a busca e a incorporação de novos fornecedores, no que foi, a rigor, a principal iniciativa posta em prática. Encontrar novos agentes para manter o fluxo de fornecimento dos materiais necessários às atividades das empresas constituiu, com efeito, procedimento assinalado por todas (Quadro 2). Os novos fornecedores perscrutados, e incorporados às linhas de suprimento, atuavam dentro e fora do Brasil. A empresa D especificou o próprio Vale do Itajaí como espaço em que essa busca/incorporação teve lugar, neste caso objetivando conseguir acessórios e materiais para produzir lingerie. A empresa G mencionou o estado de Minas Gerais para compras de fibras.

Quadro 2: Medidas adotadas pelas empresas respondentes para enfrentar problemas de importação

Empresa	Estratégia
A	Obter novos fornecedores brasileiros
B	Obter novos fornecedores em outros países
	Substituição de matéria-prima/insumos/equipamentos
C	Obter novos fornecedores brasileiros
	Obter novos fornecedores em outros países (Austrália)
D	Obter novos fornecedores brasileiros para todos os produtos importados
	Privilegiar os fornecedores de acessórios e ferragens para lingerie do Vale do Itajaí
E	Obter novos fornecedores de aviamentos brasileiros
F	Obter novos fornecedores de outros países (onde esteja menos problemático)
	Substituição de insumos similares, mas outros fornecedores
	Investir em novas tecnologias
G	Obter novos fornecedores brasileiros para fibras, no Estado de Minas Gerais
	Substituição de fibras têxteis e corantes químicos

Fonte: elaboração própria com base na pesquisa direta.

De todo modo, não faltou quem assinalasse ser provisória a medida de nacionalização da cadeia de suprimentos, ou de parte dela. Numa empresa falou-se que a iniciativa duraria o tempo das adversidades na esfera internacional, pois os fornecedores brasileiros operando no seu segmento ofereciam qualidade inferior e praticavam preços mais altos. Isso, aliás, teria justificado a busca de novas possibilidades de fornecimento igualmente na esfera internacional, como ocorreu com duas empresas, tendo a Austrália sido mencionada em um dos casos como o país do novo fornecedor. Também se falou em busca de novos itens para enfrentar as dificuldades da importação de insumos e matérias-primas mediante substituição. Isso envolveu principalmente a troca, ao menos parcial, de fibras têxteis e corantes químicos, como informado pela empresa G.

Essas indicações sobre a necessidade de conseguir novos fornecedores condizem com a tendência mais geral, em escala brasileira ou catarinense. Sobre o plano nacional, Brigatti (2021, p. A13) escreveu, em texto intitulado “Produção industrial substitui importações durante a pandemia”:

A partir de meados de 2020, com o choque da pandemia já instalado em todo o mundo, a relação entre o crescimento da produção industrial e o aumento das importações sofreu uma inversão de trajetória no Brasil. Em outros termos, a demanda interna passou a ser mais atendida pela produção doméstica e menos pelas importações. [...] As hipóteses são muitas e vão desde a necessidade de recomposição dos estoques domésticos em um período de desorganização das cadeias de abastecimento até uma reação atrasada à depreciação da taxa de câmbio. [...] [O quadro guarda estreita relação com, sobretudo, a] dependência de componentes importados, que entre a década de 1990 e 2012, quase dobrou.

Em Santa Catarina, essas adversidades foram prontamente detectadas e passaram a marcar as manifestações da FIESC, por exemplo, como observado no relatório para 2020 dessa instituição (FIESC, 2021b). Foi eloquente sobre como se encarou a crise naquele âmbito a elaboração e divulgação, já em 2020, do Programa Travessia (FIESC, 2020a). A chamada de capa era sugestiva sobre as intenções, indicando-se que o material encapsulava “Visão, Objetivos, Estratégias, Projetos e Planos para enfrentar as ameaças e identificar as oportunidades geradas pela crise da pandemia causada pelo novo Coronavírus”.

Em relação ao problema do abastecimento internacional de insumos e matérias-primas, cabe destacar que o Programa Travessia assinalava o seguinte entre suas estratégias:

A pandemia reforçou ainda mais a noção dos cuidados que se deve ter tanto na dependência de fornecedores únicos, como também da importância das relações internacionais e comércio. Assim como no caso da transformação digital, fica claro um aumento significativo do nível de sensibilização e convencimento por parte das pessoas, das organizações, governos, e empresas, acerca da importância da globalização e como se portar estrategicamente, taticamente e operacionalmente diante das características dessa nova realidade. Mais do que nunca será necessário o desenvolvimento de novos fornecedores, geração de alternativas de manufatura nos países com instabilidade democrática, política e econômica, a confiança na geração de resultados com qualidade, produtividade e conformidade, dentro de padrões internacionais. (FIESC, 2020a, p. 59)

É clara a importância atribuída aos entraves à importação de insumos. Essa questão havia emergido em sondagem especial da FIESC efetuada no 3º trimestre de 2020, quando se percebeu que diferentes empresas atuando em Santa Catarina não conseguiam impulsionar a produção devido às carências de insumos e matérias-primas. A maioria das empresas auscultadas que importavam esses materiais (58% delas) informou grandes problemas nos seus processos de abastecimento. Os baixos estoques dos fornecedores e a excessiva demora em produção e entrega eram os maiores obstáculos (FIESC, 2020b).

Assim, o quadro esboçado com base nas respostas das empresas ao questionário reafirma o cenário adverso observado em outros meios, inclusive institucionais. Até a mídia de circulação nacional captou os problemas dessa natureza vivenciados no Vale do Itajaí.

Na região de Blumenau, muitas importações foram suspensas no ano passado [2020], segundo o diretor-executivo do Sintex (Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário) [...]. Além do câmbio desvalorizado, houve aumento dos preços em dólar e dos fretes.

Outros insumos, como produtos químicos, também ficaram até 30% mais caros. “Essas compras demoram, tem um ‘transit time’ [tempo de tráfego] complicado, levam quase quatro meses para chegar. Muitas empresas preferiram segurar um tanto as importações”, diz.

Somados os meses de janeiro e fevereiro, o volume de importações no setor têxtil está 9% menor neste ano [2021], na comparação com o ano passado, segundo levantamento do Sintex [...].

A redução nas compras externas afetam principalmente tecidos sintéticos, como poliéster e poliamida. “Para muitos, o jeito foi buscar opções no mercado interno”. O trabalho agora [...] tem sido de apelo pela valorização do produto brasileiro. (BRIGATTI, 2021, p. A13).

4 Reflexos da pandemia nas atividades das empresas

Como indicado na introdução, também se pretendia neste estudo formar uma ideia sobre o que a pandemia representava para a organização produtiva das empresas e como motivação para ações conjuntas diante dos problemas. A ideia é que a presença de um *cluster* têxtil-vestuarista no MVI representaria recursos, diga-se desta maneira, territoriais capazes de induzir decisões empresariais. Uma conjectura era que as empresas tivessem reduzido ou sustado atividades intramuros e ampliado o uso de capacidades produtivas externas (facções, trabalho em domicílio). Outra hipótese era que, perante as adversidades, empresas tivessem procurado se articular – em ações coletivas promovidas institucionalmente – para vislumbrar estratégias, defender interesses e reivindicar ajuda do setor público.

Em ambas as possibilidades, uma lógica de “projeção” no território – em maior ou menor grau – era imaginada como incrustada nos procedimentos. Toda uma literatura sobre *clusters* dá amparo a indagações desse tipo. E no debate sobre as mudanças nas CGV relacionadas aos eventos registrados na economia mundial nas últimas décadas, a maior regionalização dos processos aparece entre as decisões tomadas pelas empresas em face dos desafios e incertezas. Embora nessas abordagens as escalas e os focos de observação sejam outros, indagações a respeito dessa questão, no tocante às atividades têxteis e do vestuário do MVI, foram desse modo suscitadas.

Assim, no questionário da pesquisa direta perguntou-se sobre como a conjuntura de pandemia afetara as diferentes áreas da atuação corporativa. Entre os tópicos norteadores das manifestações, constavam indagações que embutiam o problema da “projeção” no território. Esses assuntos são explorados no que segue.

4.1 Áreas de atuação empresarial afetadas pela pandemia

O bloco de questões referentes ao funcionamento das empresas durante a pandemia foi definido de modo a permitir algum conhecimento sobre as áreas de atuação mais afetadas e as tentativas para enfrentar os problemas surgidos ou agravados. As questões foram assim agrupadas: comercial, produção, administração, financeira, distribuição e logística, recursos humanos. As respostas, todavia, nem sempre as distinguíram claramente, e algumas – a respeito das estratégias adotadas – não foram fornecidas sob alegação de sigilo empresarial, de nada adiantando argumentar que as empresas não seriam identificadas na pesquisa.

Como apresentado no Quadro 3, duas áreas de atuação sobressaíram em intensidade de consequências da pandemia: distribuição/logística e produção. Em relação à primeira, seis das sete empresas informaram terem sido muito afetadas; sobre a segunda, cinco empresas declararam-se muito afetadas. Na área financeira, três empresas manifestaram essa magnitude dos efeitos, e na área administrativa, duas. Nas áreas comercial e de recursos humanos, somente uma empresa assim se posicionou – a mesma, a E, uma confecção de pequeno porte instalada em Blumenau, que aliás só não apontou impacto dessa intensidade na sua área financeira.

Na sequência da quantidade de áreas com indicação de “muito afetada”, informaram três áreas as empresas B, F e G (respectivamente uma empresa de beneficiamento de pequeno porte de Gaspar, uma confecção de porte médio de Blumenau e uma malharia de médio porte de Jaraguá do Sul); as áreas indicadas não eram as mesmas. A empresa C (uma grande confecção de Pomerode) teve suas áreas de produção e distribuição/logística muito afetadas, e as empresas A e D (pela ordem, uma grande confecção e uma pequena malharia, ambas em Blumenau) informaram somente uma área de fortes repercussões negativas: a primeira empresa em distribuição/logística; a segunda, na área financeira.

A sistematização dos principais problemas, ou “instâncias” de problemas, amargados pelas empresas permite indicar esta ordem de adversidades e, por extensão, de preocupações na esfera corporativa: 1) falta ou atrasos nas entregas de matérias-primas internacionais; 2) contas a pagar; 3) cancelamento de pedidos; 4) gestão de pessoas/funcionários. As implicações desses problemas em cada empresa são apresentadas a seguir, mesmo que o detalhamento e o escopo das informações fornecidas no questionário não tenham sido os mesmos em todos os casos.

Quadro 3: Áreas afetadas negativamente pela pandemia nas empresas entrevistadas

Empresa	Comercial	Produção	Administrativa	Financeira	Distribuição/ logística	Recursos humanos
A	Nada afetada	Pouco afetada	Nada afetada	Pouco afetada	Muito afetada	Pouco afetada
B	Pouco afetada	Muito afetada	Pouco afetada	Muito afetada	Muito afetada	Pouco afetada
C	Pouco afetada	Muito afetada	Pouco afetada	Pouco afetada	Muito afetada	Pouco afetada
D	Nada afetada	Pouco afetada	Nada afetada	Muito afetada	Pouco afetada	Pouco afetada
E	Muito afetada	Muito afetada	Muito afetada	Pouco afetada	Muito afetada	Muito afetada
F	Pouco afetada	Muito afetada	Pouco afetada	Muito afetada	Muito afetada	Pouco afetada
G	Pouco afetada	Muito afetada	Muito afetada	Pouco afetada	Muito afetada	Pouco afetada

Fonte: elaboração própria com base na pesquisa direta.

4.1.1 Empresa A

As adversidades comerciais geraram atrasos nas entregas dessa empresa, que vende dentro e fora do Brasil. Simultaneamente ocorreu exploração de novos produtos e novos mercados (em outros locais) e impulso do *e-commerce*. Na produção, a troca de fornecedores de insumos ou matérias-primas foi a única estratégia para adequar a empresa às dificuldades. Representando alteração na cadeia e nos fluxos de abastecimento, essa medida ainda se encontrava em avaliação quando se fez a pesquisa de campo. De todo modo, em relação com os processos na produção, assinalou-se no questionário que “a empresa vem registrando crescimento, tanto no número de funcionários quanto [em volume] de vendas e faturamento. Em 2020, registrou um aumento de 10% em relação a 2019, a partir de uma reordenação ocorrida”. Nas decisões administrativas, repercutindo até na organização do trabalho no chão de fábrica, a adoção de um sistema de rodízio nos horários e a implantação de turnos alternativos foram as medidas básicas adotadas. Ao lado disso adaptaram-se os espaços de trabalho para garantir o necessário distanciamento social, entre outras medidas impostas pelos riscos de contaminação pela Covid-19.

4.1.2 Empresa B

Atrasos nas entregas dos produtos da empresa foram um reflexo comercial maior. Na produção, as dificuldades em obter insumos ou matérias-primas definiram várias ações, como substituir fornecedores – incluindo tentativas em outros países – e reformular o seu portfólio de atividades devido às imposições. Os problemas provocaram suspensão ou adiamento do lançamento de novos produtos, sugerindo o quanto podem ser diversas as consequências de uma crise como a da Covid-19 entre os segmentos de um mesmo setor ou indústria. Em termos administrativos, sobressaíram o estabelecimento de novas parcerias e práticas cooperativas com empresas e a renegociação de contratos, preços e condições de pagamento com fornecedores. Ressoando em recursos humanos, sublinharam-se decisões de antecipação de férias e de prática de férias coletivas. Sobre distribuição/logística, informou-se modificação dos prazos de entrega e dos mecanismos e formas de transporte. Novos canais de comunicação com clientes tiveram que ser abertos, mormente canais digitais. Isto foi assim expresso no questionário: “Fortalecemos o *on-line*”, um procedimento que também incidiu na comunicação com fornecedores.

4.1.3 Empresa C

Grande produtora de vestuário de Pomerode e importante exportadora, essa empresa teve que atrasar entregas, mas lançou novos produtos e intensificou o *e-commerce*, sob realinhamento do modelo de negócio. Na produção, a troca de fornecedores foi a principal providência em face das dificuldades com o abastecimento até então utilizado, mas mencionaram-se mudanças produtivas para “aumentar o valor da marca”, visando atingir posição no mercado na condição de origem de “uma malha mais confortável, com maior valor e mais adaptada para o período da pandemia”. Na área administrativa, informaram-se novas parcerias e práticas colaborativas com outras empresas, em linha com a substituição de fornecedores, mas também renegociação de contratos, preços e condições de pagamento com antigos fornecedores que permaneceram nos fluxos de suprimentos. Igualmente ocorreram a adaptação dos ambientes de trabalho, para garantir segurança sanitária, e a adoção de novas formas de atendimento ao cliente, especialmente *on-line*. Em distribuição/logística, mudaram-se formas e mecanismos de entrega/transporte dos produtos, e em comunicações novos canais foram abertos, através de “*lives*, mídias digitais e convenções de vendas *on-line*”. Informou-se que trabalhadores foram contratados, em diálogo com instituições representativas dos interesses do trabalho.

4.1.4 Empresa D

Pequena malharia de Blumenau, essa empresa indicou atrasos nas entregas de seus produtos. Ao mesmo tempo, adotou ou aumentou o uso do *e-commerce* para enfrentar as dificuldades, providência integrante de uma orientação mais geral sobre novos canais de comunicação, classificada de avanço no “*e-commerce* mais estruturado, mais profissional”. Para produzir, teve que encontrar novos fornecedores, como em acessórios para lingerie. Tais fornecedores foram mobilizados no próprio Vale do Itajaí, em Blumenau e em cidades próximas como Gaspar e Ilhota. Também firmaram-se novas parcerias, envolvendo cooperação com os novos fornecedores, em definição conjunta dos insumos demandados. Na área administrativa, avançou-se nas relações *on-line* em meio às novas parcerias, qualificadas como muito positivas. Mas também foi preciso renegociar contratos, preços e condições de pagamento com os antigos fornecedores. Em distribuição/logística, procurou-se alterar as formas de entrega e transporte de seus produtos, e isso implicou contratação de diversos serviços. Demissões foram informadas, mas junto com algumas contratações, em esfera de ações que também registrou redução temporária da jornada de trabalho, ao ritmo das atividades imposto pela pandemia.

4.1.5 Empresa E

Essa pequena produtora blumenauense de artigos do vestuário, cujo mercado é exclusivamente doméstico, assinalou que no plano comercial somente se ressentiu de problemas de atraso na entrega de seus produtos. O motivo foi a impossibilidade de cumprir prazos, devido aos obstáculos nos processos produtivos, por conta das medidas sanitárias. É sugestivo que se tenham indicado decisões de suspensão ou adiamento do lançamento de novos produtos. Administrativamente, as dificuldades se refletiram na adoção do sistema de rodízio no trabalho, com turnos alternativos. Para garantir o distanciamento social e o cumprimento das demais medidas de segurança sanitária, houve adaptações nos espaços de trabalho, incluindo a adoção de trabalho remoto em certas atividades. Também a antecipação de férias e a prática de férias coletivas, nos períodos de maiores dificuldades devido às medidas restritivas, não deixaram de se apresentar. Uma espécie de corolário (quase) lógico foi, segundo relatado, a abertura de novos canais de interação, o que foi referido no questionário como “adaptação de protocolos de dinâmicas de trabalho para a comunicação com fornecedores e clientes”.

4.1.6 Empresa F

Confecção média de Blumenau, e exportadora, essa empresa atrasou entregas mas também explorou novos tipos de produtos, além de lançar mão, ou intensificar o uso, do *e-commerce*. Representando maior valor agregado, os novos produtos refletiam a percepção de que a pandemia nutria a demanda por tecidos antivírus. Igualmente se informou troca de fornecedores, mudando a cadeia de suprimento, com busca de tecidos na África e na China. As reações incluíram terceirização produtiva, movimento pelo qual foram contratadas fábricas na região Nordeste do país para lograr o cumprimento dos contratos de venda. No momento da pesquisa, essa estratégia ainda era avaliada nos seus resultados, quanto a aspectos de qualidade e prazo. Indicaram-se parcerias ou práticas cooperativas com outras empresas sobre o lançamento de produtos, e renegociação de contratos, preços e condições de pagamento com os fornecedores históricos, ao lado de melhorias na interação com os clientes mediante maior “agilidade no atendimento *on-line*”. Em distribuição/logística, foi preciso contratar empresas de transporte, e na esfera do trabalho anteciparam-se férias e deram-se férias coletivas, com “aproximação” ao meio sindical para negociar contratos.

4.1.7 Empresa G

Malharia de porte médio de Jaraguá do Sul, a empresa atrasou entregas de produtos e também avançou no *e-commerce*, com indicação no questionário de que “aceleramos o processo relacionado a *omnichannel* (canais de distribuição), [e] além disso ampliamos a plataforma digital de vendas”. Isso integrou tentativa de abrir novos canais de comunicação com clientes e fornecedores; empregados participaram da iniciativa, “realizando convenção e treinamento a distância”. Na produção, a empresa precisou substituir fornecedores, mudando a estrutura da cadeia de suprimentos, disso resultando parceria, com

fornecedor de Minas Gerais, que foi vista como positiva. Novos produtos eram prospectados, mas era algo “ainda em implantação, uma produção voltada para o *slow fashion*”, contexto em que eram sinalizadas mudanças em “demonstrações de valor e posicionamento da marca”. Na organização do trabalho, introduziu-se sistema de rodizio e se adaptaram os espaços para garantir as condições impostas pela pandemia, em meio a outras medidas de forte controle sanitário; e adotaram-se formas de trabalho remoto, assim como se anteciparam férias, que também assumiram forma coletiva. Em distribuição/logística, houve alteração dos prazos de entrega e busca de alternativas de transporte para o envio dos produtos da empresa.

Para finalizar esta parte, merece realce que demissões não tenham sido mencionadas, praticamente, embora se tenha indagado a respeito no questionário. Quando muito, houve indicação de interrupções temporárias no trabalho e de medidas como antecipação de férias ou férias coletivas, adotadas nos períodos de dificuldades mais agudas. Pode-se considerar que o captado nesses termos exibe sintonia com o quadro mais geral do emprego nas atividades têxteis e de produção de vestuário em Santa Catarina, na Microrregião Blumenau e em Blumenau no período considerado.

A Tabela 3 permite uma visão a respeito, recuando a observação até o começo da década de 2010 e apresentando dados sobre vínculos formais de emprego (pois a base é a Relação Anual de Informações Sociais – RAIS). As indústrias em foco, especialmente envolvendo a produção de artigos de vestuário, reconhecidamente utilizam quantidades importantes de trabalho informal, em pequenas facções domiciliares, por exemplo. Assim, a tabela indicaria o “pisso” da realidade do trabalho, cujo comportamento, em si, já mostra relevância para a percepção dos reflexos da pandemia.

Tabela 3: Santa Catarina, Microrregião (MR) Blumenau e Município de Blumenau: vínculos formais em 31 de dezembro (2011-2021) – Mil

Ano	Santa Catarina			Microrregião Blumenau			Município de Blumenau		
	Indúst. transf. ^a	Têxtil ^b	Confec. ^c	Indúst. transf. ^a	Têxtil ^b	Confec. ^c	Indúst. transf. ^a	Têxtil ^b	Confec. ^c
2011	635,9	67,0	102,9	132,5	42,1	37,7	47,7	17,4	12,0
2012	632,1	65,4	101,3	133,1	39,6	39,3	46,8	14,3	12,3
2013	670,0	67,0	108,0	136,0	40,5	39,6	47,6	14,9	12,1
2014	673,3	65,5	108,2	134,8	39,3	39,1	45,7	13,4	11,7
2015	636,1	57,8	103,8	125,7	34,3	38,2	42,3	12,3	10,8
2016	617,9	58,0	102,8	123,6	34,8	38,0	40,8	12,7	10,5
2017	633,6	60,1	103,3	125,0	35,5	37,8	40,1	12,7	9,5
2018	645,3	60,1	100,1	125,1	35,5	36,6	40,3	12,5	9,2
2019	660,7	60,0	101,5	125,2	35,7	36,8	39,6	12,8	9,0
2020	679,9	62,0	92,5	126,3	37,2	33,9	40,6	14,0	8,4
2021	729,7	66,4	102,1	135,0	39,8	37,1	44,1	14,8	9,2

Fonte: RAIS (2023).

Obs.: A base é a CNAE 95. a Corresponde à Seção D: Indústrias de transformação; b Corresponde à Divisão 17 – Fabricação de produtos têxteis; c Corresponde à Divisão 18 – Confecções de artigos do vestuário e acessórios

Os números indicam que na fabricação têxtil a pandemia não se refletiu em redução dos vínculos formais até 2021, último ano para o qual a base de dados disponibilizava informações no momento em que se redigia este artigo. De fato, ocorreu crescimento dos respectivos vínculos em Santa Catarina como um todo, na Microrregião Blumenau e no Município de Blumenau. Em confecção de artigos do vestuário e acessórios, todavia, houve queda acentuada entre 2019 e 2020 nos três níveis de observação, refletindo as especificidades de segmento ou setor industrial. Mas já em 2021 registrou-se crescimento, inclusive com superação da quantidade de vínculos exibidos no ano anterior ao começo da pandemia.

4.2 O problema da projeção territorial das empresas

Como assinalado, a histórica configuração do *cluster* têxtil-vestuarista no MVI autorizava perguntas sobre o quanto as empresas teriam contemplado e mobilizado recursos locais – capacidades produtivas, instituições – para enfrentar as adversidades da pandemia. Duas esferas principais de observação foram vislumbradas a respeito, uma relativa à busca de interações sobretudo no âmbito institucional, para definir e explorar caminhos, a outra referente à utilização da base produtiva territorial, buscando fornecedores e capacidades produtivas para subcontratação ou terceirização.

Sobre a primeira esfera, a pandemia ensejou algum movimento, mesmo que tímido e informal, de cooperação e trocas (informações, experiências) entre os empresários do setor. Houve algumas reuniões para discutir estratégias e procedimentos ou para compartilhar vivências, podendo-se dizer que instituições como SINTEX e ACIB e, numa escala maior, a FIESC e a ABIT oportunizaram, de toda forma, interações dessa índole. As empresas que preencheram o questionário se expressaram sobre o envolvimento nesses vínculos e a importância que lhes atribuíam (Quadro 4). Em duas empresas, E e G, informou-se

não ter participado de qualquer iniciativa conjunta desse tipo, e somente a empresa C classificou-as como muito importantes em face dos problemas e desafios. Duas empresas consideraram-nas importantes, e outras duas, pouco importantes.

Quadro 4: Indicações de ações interempresariais e com instituições perante a pandemia.

Empresa	Ação protagonizada	Instituição envolvida	Importância atribuída
A	Trocas de informações e experiências Reuniões para discutir estratégias e procedimentos Debates em associações e instituições de representação empresarial	FIESC SINTEX	Importante
B	Trocas de informações e experiências Debates em associações e instituições de representação empresarial	FIESC SINTEX SCMC(*)	Pouco importante
C	Trocas de informações e experiências	FIESC Prefeitura de Pomerode	Extremamente importante
D	Debates em associações e instituições de representação empresarial	ACIB	Pouco importante
E	Não participou	-	-
F	Trocas de informações e experiências Reuniões para discutir estratégias e procedimentos Debates em associações e instituições de representação empresarial	Não informado	
G	Não participou		Importante

Fonte: elaboração própria com base na pesquisa direta.

(*) Santa Catarina Moda e Cultura, uma plataforma que conecta empresas e instituições para promover inovações.

Assim, não parece equivocado considerar que a cooperação de tipo multilateral, envolvendo empresas e instituições públicas ou privadas, não teria caracterizado efetivamente o conjunto pesquisado. Embora o número de empresas respondentes não outorgue representatividade estatística aos resultados, pode-se dizer, de todo modo, que a situação captada não destoava do que tem marcado a região quanto à presença de cooperação ou ações coletivas sobretudo entre empresas, conforme sugerido em estudos como Lins (2005).

Não que inexistissem interações no percurso do *cluster*; seria surpreendente que, na longa trajetória percorrida, algum adensamento dos vínculos não tivesse acontecido. Mas, diretamente entre empresas, a tendência parece ter sido de relações pouco expressivas, não muito além de empréstimos de materiais em casos de necessidade ou de trocas de informações diversas. A rigor, tenderia a prevalecer nesse empresariado um forte espírito de rivalidade, como já se falou, algo captado em diversas pesquisas (LOMBARDI, 2001; LINS, 2000). De outra parte observaram-se, ao longo do tempo, relações envolvendo instituições da região, pelas quais as empresas têm buscado apoio e reivindicado promoção setorial. Diversas esferas de interesse foram contempladas, como modernização tecnológica, formação profissional ou execução de projetos voltados ao fortalecimento das vendas.

Nas relações entre empresas, teve realce historicamente apenas a subcontratação ou terceirização produtiva, envolvendo a totalidade ou partes dos processos de fabricação. Essa prática avultou sobremaneira desde os anos 1990, na esteira, inclusive, das demissões efetuadas por empresas da região, seguidas de incentivos para que profissionais antes contratados criassem cooperativas de trabalhadores para canalizar tarefas distribuídas pelos antigos empregadores (LINS, 2001b). Contudo, também com respeito à subcontratação ou terceirização – como aspecto da projeção territorial das empresas que responderam ao questionário – foi escassa a alusão como tipo de iniciativa frente à pandemia. Das sete empresas, somente uma mencionou a ampliação do uso de facções para enfrentar as circunstâncias: a empresa F. Ainda assim, segundo informado, as facções buscadas não se situariam no Vale do Itajaí, mas no Nordeste do Brasil.

Também significa projeção no território a busca de novos fornecedores na própria região. Mas apenas uma empresa – a empresa D – indicou ter encontrado tais supridores regionalmente, em Blumenau e nas vizinhas Ilhota e Gaspar, como assinalado anteriormente. Na resposta à correspondente indagação, a empresa sugeriu alguma cooperação nesse nível, certamente aludindo à necessidade de adequar os insumos produzidos por esses novos fornecedores às suas necessidades específicas.

Tudo isso não deixa de chamar a atenção, mesmo que o número de empresas respondentes não permita considerar ter existido uma tendência de limitada projeção produtiva no território diante da crise pandêmica. Lançar mão de capacidades produtivas externas, em subcontratação ou terceirização produtiva, é um traço histórico da região, como se indicou, uma prática crescente em todo o Vale do Itajaí pelo menos desde a década de 1990. É sugestiva a respeito, aliás, a aparente irradiação, fortalecida desde a virada para o século XXI, das atividades de fabricação de artigos do vestuário em municípios no entorno de Blumenau e em direção ao Alto Vale, com incidência até em espaços rurais (LINS, 2018).

Assim, tudo somado, depreende-se das respostas das empresas, sobre a sua projeção produtiva no território, que não reverberaram no MVI os processos indicados na matéria de Brigatti (2021) – a respeito da substituição de fornecedores

estrangeiros por nacionais – e a necessidade, apontada em FIESC (2020a), de atenuar a dependência frente a esquemas de suprimento muito vulneráveis às vicissitudes da economia mundial. Essa urgência inspirou, aliás, considerações como as de Mahidhara (2022, p. A3), de que “As empresas brasileiras também devem olhar para suas cadeias de abastecimento e buscar alternativas mais próximas de casa.”

Ora, “alternativas mais próximas de casa” certamente significariam, na realidade aqui estudada, talvez em primeiro lugar o próprio Vale do Itajaí, pelo que o percurso histórico dessa área representa. Seja como for, a estrutura produtiva instalada na região não se mostrou capaz – é o que a pesquisa de campo sugere – de fornecer aos fabricantes têxteis e de artigos de vestuário locais os insumos e matérias-primas de que necessitavam, perante as dificuldades de abastecimento pelos canais até então utilizados. De fato, embora o Vale do Itajaí exiba atividades incrustadas em diferentes patamares da cadeia produtiva têxtil-vestuário, nem todos os respectivos elos têm presença nesse território: matérias-primas e insumos importantes, como fibras têxteis, fios e produtos químicos, entre outros, sempre tiveram que vir de fornecedores localizados alhures.

5 Considerações finais

Este estudo propôs-se a investigar como a Covid-19 afetou (tem afetado) atividades têxteis e do vestuário do MVI, onde um correspondente *cluster* foi erigido em percurso de muitas décadas, incluindo a maneira como se reagiu a tal conjuntura sobretudo na esfera empresarial. Pesquisa direta mediante aplicação de questionários – respondidos por sete empresas associadas ao SINTEX – informou situação unânime quanto ao abastecimento em insumos e matérias-primas de origem estrangeira, especialmente desde a China: todas utilizavam tais materiais, e todas foram afetadas negativamente pelos efeitos da pandemia. Assim, no tocante às interações com o exterior, as importações constituíram o problema principal, mesmo porque exportar não representava atividade praticada pela totalidade daquelas empresas.

Buscar novos fornecedores, alterando as linhas de suprimento, foi um tipo básico de reação apontada. A substituição teria sido tentada tanto no Brasil, representando insumos e matérias-primas nacionais em lugar de estrangeiros, quanto no exterior. Contudo, não se deixou de notar que se tratava de procedimento vinculado à circunstância específica da pandemia, quer dizer, de índole conjuntural, muito mais do que estratégia a ser prolongada, com os novos vínculos necessariamente mantidos nos anos seguintes.

Imaginava-se, ao conceber a pesquisa, que possíveis reações às adversidades abrangeriam interações mais amplas e intensas com o tecido produtivo e institucional local, isto é, envolveriam uma maior “projeção” das empresas no MVI, institucional e produtivamente falando, o que englobaria a busca de fornecedores. Somente uma empresa indicou tal iniciativa, executada em municípios próximos a Blumenau e referente a alguns poucos materiais utilizados em confecções. Nada se indicou, como se pensava que poderia acontecer, sobre interações fortes, até com desenvolvimento de produtos e processos por conta dos vínculos em linhas de fornecimento/abastecimento territoriais. Tampouco houve destaque para o uso de capacidades de produção extrafirma, em subcontratação ou terceirização praticada no tecido produtivo local.

Outro aspecto da “projeção” territorial envolve relações de cooperação e ação conjunta entre empresas e entre empresas e instituições. Esperava-se que, devido à configuração de *cluster*, instituições historicamente muito atuantes pudessem ter sido mobilizadas, com promoção de encaminhamento de soluções para os problemas. Mas as respostas ao questionário indicaram que essas tentativas de equacionamento teriam sido protagonizadas, no essencial, pelas próprias empresas, individualmente. Poucas medidas teriam sido tomadas em conjunto, tendo-se mencionado apenas uma reunião entre fabricantes para lidar com o problema do transporte marítimo. Algumas poucas reuniões tendo o SINTEX e a ACIB como esferas locais promotoras foram mencionadas, com resultados sobretudo em trocas de experiências.

O fato de somente sete empresas terem preenchidos o questionário impõe cautela na consideração das informações levantadas. O que se obteve, a rigor, foi – como frisado na introdução – um conjunto de, por assim dizer, estudos de caso, não sendo possível derivar conclusões generalizantes.

Contudo, a pesquisa permite, ainda assim, a formação de alguma ideia sobre o problema estudado, o que pode ter utilidade em outros estudos sobre o assunto, sugerindo questões a serem abordadas sobre a região. Uma delas diria respeito ao mercado de trabalho, explorando notadamente as possíveis mudanças nas condições de trabalho. Outra seria o real papel das instituições locais na promoção de interações em face de conjunturas adversas. Esse assunto é instigante. A escassa referência nas respostas à ação institucional pode sinalizar falta de inclinação empresarial à cooperação, por conta de frustrações passadas ou descrédito na capacidade das instituições em realmente contribuir na busca de soluções. Mas pode também refletir timidez das próprias instituições, ou limitações nas suas atividades, no tocante à sua projeção no tecido produtivo local. Num caso como no outro, mudanças poderiam ser encorajadas, mas seria necessário partir de diagnósticos precisos.

Referências

- BAIR, J.; GEREFFI, G. Local clusters in global chains: the causes and consequences of export dynamism in Torreon's blue jeans industry. *World Development*, v. 29, n. 11, p. 1885-1903, 2001.
- BRIGATTI, F. Produção industrial substitui importações durante a pandemia. *Folha de S. Paulo*, p. A13, 2 abr. 2021.
- CARIO, S. A. F.; SEABRA, F.; CARVALHO JUNIOR, L. C. de et al. *Indústria e arranjos produtivos locais em Santa Catarina: avaliação e política de desenvolvimento para setores tradicionais*. Florianópolis: Nova Letra, 2013.
- CATTANEO, O.; GEREFFI, G.; STARITZ, C. (eds.). *Global value chains in a postcrisis world: a development perspective*. Washington, D.C.: The World Bank, 2010.
- DI MARIA, E.; DE MARCHI, V.; GEREFFI, G. Local clusters and global value chains. In: PONTE, S.; GEREFFI, G.; RAJ-REICHERT, G. (ed.). *Handbook on global value chain*. Cheltenham: Edward Elgar, 2019, p. 403-416.
- DINIZ, P. A reinvenção da loja. *Folha de S. Paulo*, p. 1 e 4, 7 ago. 2021. (Seminários Folha: O futuro do varejo e o varejo do futuro).
- EMPRESA tem pé na Europa. *Folha de S. Paulo*, 23 jun. 1996. (Mercado). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/6/23/dinheiro/27.html> Acesso em: 01 jun. 2022.
- FIESC – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. *Programa Travessia SC: mobilizar, reinventar e transformar*. Florianópolis: FIESC, 2020a.
- FIESC – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. *Sondagem especial: preço dos insumos*. Florianópolis: Observatório FIESC, 26 out. 2020b. Disponível em: <https://url.gratis/kNX9Bb> Acesso em: 28/06/2021.
- FIESC – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. *Observatório da Indústria Catarinense*, 2021a. Disponível em: <https://www.observatoriofiesc.com.br/textil-confeccao> Acesso em: 10 out. 2022.
- FIESC – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. *Relatório Anual 2020*. Florianópolis: FIESC, 2021b.
- FIESC – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina Balança comercial. *Florianópolis: Observatório FIESC*, out. 2021c. Disponível em: <https://observatorio.fiesc.com.br/index.php/publicacoes/economia/comex-set2021> Acesso em: 6 maio 2022.
- FIESC – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina Balança comercial. *Florianópolis: Observatório FIESC*, abr. 2022. Disponível em: <https://observatorio.fiesc.com.br/index.php/publicacoes/economia/santa-catarina-encerra-primeiro-trimestre-com-recorde-de-exportacoes-e-importacoes> Acesso em: 6 maio 2022.
- FILLETI, J. de P.; BOLDRIN, R. A indústria têxtil no Brasil: um modelo econométrico analisando a hipótese de desindustrialização sectorial. *Economia e Sociedade*, v. 29, n. 3(70), p. 861-890, 2020.
- GEREFFI, G.; LIM, H.-C.; LEE, J. Trade policies, firm strategies, and adaptative reconfigurations of global value chains. *Journal of International Business Policy*, p. 1-17, March 2021.
- GEHRKE, G. A.; LINS, H. N.; BORBA, J. A. Hering, from a global production network player to a regional retail leader. In: TULDER, R. van; VERBEKE, A.; CARNEIRO, J.; GONZALEZ-PEREZ, M. A. (ed.). *The challenge of BRIC multinationals*. Bingley: Emerald, 2017, p. 295-315.
- HERING, M. L. R. *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Editora da FURB, 1987.
- ILO – International Labour Organization. *The supply chain ripple effect: how COVID-19 is affecting garment workers and factories in Asia and the Pacific*. Bangkok: ILO Regional Office for Asia and the Pacific, October 2020.
- JURGENFELD, V.; LINS, H. N. A projeção asiática da indústria têxtil e vestuarista catarinense nos anos 2000: estudo sobre três experiências no Vale do Itajaí. *Textos de Economia*, v. 13, n. 2, p. 11-34, 2010.
- LINS, H. N. Clusters industriais, competitividade e desenvolvimento regional: da experiência à necessidade de promoção. *Estudos Econômicos*, v. 30, n. 2, p. 233-265, 2000.
- LINS, H. N. Clusters Industriais: uma experiência no Brasil Meridional. *Revista de Economia*, Curitiba, v. 27, n. 1 (25), p. 79-101, 2001a.
- LINS, H. N. Cooperativas de trabalhadores: opção frente à crise do emprego ou aspecto da crescente precariedade do

trabalho? *Nova Economia*, v. 11, n. 1, p. 39-75, 2001b.

LINS, H. N. Les entreprises du complexe textile-habillement dans um cluster brésilien: la région de Blumenau dans le tourbillon des changements. In: FAURÉ, Y.-A.; KENNEDY, L.; LABAZÉE, P. (dir.). **Productions locales et marché mondial dans les pays émergents**: Brésil, Inde, Mexique. Paris: IDR Éditions; Karthala, 2005, p. 31-57.

LINS, H. N. Reestruturação produtiva e reconfiguração espacial da indústria do vestuário em Santa Catarina: contextualização do tema e indícios sobre o começo do século XXI. *Revista Catarinense de Economia*, v. 2 n. 2, p. 5-31, 2018.

LINS, H. N. Produção industrial sob a Covid-19 e as consequências da internacionalização produtiva: visão geral e apontamentos sobre o Brasil e Santa Catarina. *Revista Catarinense de Economia*, v. 4, n. 1, p. 50-75, 2020.

LOMBARDI, L. **Indústria têxtil de Blumenau**: consolidação, crise e reestruturação. 2001. 201 fls. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MAHIDHARA, R. O desmonte da globalização. *Folha de S. Paulo*, p. A3, 3 abr. 2022.

MAMIGONIAN, A. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 27, n. 3, p. 389-481, 1965.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/aceso-online-as-bases-de-dados>
Acesso em: 24 abr. 2023

SEABRA, F.; AMAL, M. Inserção internacional de uma economia regionalizada: avanços e limitações para o caso catarinense. In: MATTEI, L.; LINS, H. N. (org.). **A socioeconomia catarinense**: cenários e perspectivas no início do século XXI. Chapecó: Argos, 2010, p. 247-280.

SEYFERTH, G. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**: um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre: Movimento, 1974.

SOHN, A. P. L. **Aprendizagem interorganizacional**: análise de canais de transmissão de conhecimento em clusters têxteis e de vestuário no Brasil e na Europa. 2015. 201 fls. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

THEIS, I. M.; GARCIA, M. C. F. S. Reestruturação regional, competitividade global: o complexo têxtil de Blumenau no contexto do capitalismo neoliberal globalizado. *Pampa*, v. 3, p. 9-26, 2007.